

28 JUL 1993

“Espasmos de crescimento de uma economia em agonia.” É assim, de forma direta, que o economista Antônio Carlos Borges, superintendente-técnico da Federação do Comércio do Estado de São Paulo, descreve os sinais de recuperação da atividade econômica observados nos últimos meses. Se considerados os dados do desempenho do comércio paulista, o pessimismo do economista é perfeitamente explicável.

No primeiro semestre do ano, as vendas do varejo apresentaram o pior desempenho desde que o levantamento da Federação do Comércio começou a ser feito, em 1979. As vendas caíram 5,57% em relação aos seis primeiros meses do ano passado. No mês de junho, a queda foi de 1,01% em relação a maio e de 3,97% em relação a junho de 1992. Salvaram-se apenas as vendas de bens duráveis ou de luxo — automóveis, eletrodomésticos — e de tecidos. Tudo o mais foi mal. Até as vendas dos supermercados, aí incluídos os alimentos, caíram (-10,43%).

Mesmo quando, havia algum tempo, os dados sobre o nível de atividades da economia brasileira apontavam para a recuperação, analistas experientes consideravam que o quadro era “volátil”, porque, com a inflação tão alta, qualquer alteração no ânimo dos agentes econômicos — produtores, vendedores, consumidores — poderia fazê-lo desaparecer.

O desempenho do comércio varejista pode ser o primeiro indício da “volatilização” da recuperação que se ensaiava no primeiro semestre deste ano. Os efeitos ainda não são sensíveis na indústria paulista, que no primeiro semestre apresentou um crescimento de 15,9%, em seu nível de atividade, em relação ao primeiro semestre de 1992, em boa parte por cau-

sa da recomposição dos estoques do comércio varejista. Já no mês de junho, porém, começou a se caracterizar uma retração, com queda de 1,79% no faturamento da indústria paulista em relação a maio, enquanto a utilização da capacidade instalada, que vinha crescendo até então, manteve-se praticamente inalterada.

Dirigentes da Fiesp não acreditam que, no segundo semestre, se repita esse bom desempenho da indústria, em primeiro lugar porque o grande fator que determinou o aumento da atividade industrial nos primeiros seis meses do ano, que foi a recomposição dos estoques do comércio, não se repetirá por causa da retração das vendas observadas nos últimos meses; em segundo lugar porque a base de comparação (o segundo semestre do ano passado) será maior.

Se a atividade econômica perde fôlego, a inflação ganha força. Os preços dos alimentos estão subindo bem mais do que no mês passado, por causa principalmente das enchentes do Rio Mississippi, que empurraram para cima as cotações de produtos como a soja e o milho, os dois principais componentes da ração animal. Isso pressiona o preço da carne. Por conta dessas pressões, a inflação de agosto pode subir até 2 pontos percentuais.

E enquanto as nuvens negras se acumulam no horizonte, o sr. Itamar Franco, acometido de paralisia cerebral depois que o deputado Paim, do PT de Lula, detonou a bomba do reajuste mensal por 100% da inflação, gasta o seu tempo e o resto de fé dos brasileiros com o seu absurdo **happening**, no qual reúne, assistindo a vagas **performances**, um grupo entre incrédulo (os empresários, os ministros e os economistas) e divertido (os representantes da CUT, o deputado Paim), há quase duas semanas, para discutir ainda não se sabe bem o quê.